

## O Satélite de Natal<sup>1</sup>

— Eu devia ter calculado que isto ia acontecer... Tu não és capaz de nos sustentar, com o teu empregozeco — Maia poisou o prato com brusquidão no lava-loiça.

— Empregozeco? Recolher satélites é um trabalho tão digno como...

— Cresce, Kir! Aquilo que tu fazes é apanhar sucata no espaço, e ponto final.

Kir lançou-lhe um olhar feroz e saiu para o quintal, batendo a porta. Fazia frio. Todas noites de Marte eram intermináveis, e os dias escuros. Após a Magna Guerra, a atmosfera ficara de tal forma polvilhada de cinza e o espaço tão enxameado de destroços que os raios tinham dificuldade em penetrar na atmosfera. Carcaças de mísseis, restos de satélites, estilhaços de minas — toda a espécie de escombros em órbita. Daí que o seu trabalho fosse importante: limpar a cintura do planeta facilitava a navegação e permitia a entrada da luz solar.

Caminhou melancolicamente pelos quintais da vizinhança, as mãos nos bolsos, assobiando baixinho. Cada vivenda tinha os seus sons próprios: da casa dos Lirs, vinham ecos de uma cavaqueira afável; dos Zirs, uma melodia de cítara; dos Firs, recém-casados, o ranger do soalho sob seis pés dançantes.

“Toda a gente tem um lar, uma vida, uma felicidade...”.

Em instantes como aquele, precisava de uma volta pelo espaço para desopilar. Dirigiu-se ao parque de estacionamento, onde a sua nave, a *Ida-e-Volta*, estava estacionada. Observou com inveja a *Coletora*, o cargueiro do colega Hir, mais longo do que o seu, à prova dos estilhaços que giram velozmente em órbita e podem perfurar um casco. “Tivesse eu uma nave assim, ganhava o dobro!” A fuselagem da *Ida-e-Volta* estava riscada por abalroamentos sucessivos e a pintura tão gasta que seria difícil identificar a cor original. “Se eu fosse um investidor, perante o aspeto desta nave, nunca me contrataria... No ano passado, o Hir conseguiu mais quatro contratos do que eu, dois deles governamentais”.

Entrou na nave e deslocou. Os ossos comprimiram-se contra o assento, perante a força da aceleração. Ligou o comunicador:

— Piloto da *Ida-e-Volta* a radiofarol. Peço coordenadas orbitais.

— Daqui Radiofarol: tem uma porta nas coordenadas 21-37-90. Boa viagem!

Kir acelerou até passar pela abertura, entre o entulho. A área estava a ser limpa pela empresa de Fir — reconhecia o logótipo nas boias de sinalização.

“E agora, dirijo-me para o sol ou para o exterior? Acima ou abaixo do eixo?” Decidiu-se por um percurso mais longo, para perto da pequena estrela. Lera na *Cosmic Magazine* que o

---

<sup>1</sup>Mancelos, João de. “O Satélite de Natal”. *Fénix Fanzine* 0 (out. 2010): 3-5.

terceiro planeta albergava algumas civilizações, num estado tão inicial que era preferível não interferir no desenvolvimento. Aqueles primitivos demorariam uns bons dois milénios até poderem descobrir a tecnologia da velocidade da pré-luz.

Porém, Kir era um homem curioso e com pouco para fazer. Puxou de um charuto, passou-o rente às narinas, mordiscou-lhe a ponta, e acendeu-o, soltando duas baforadas decididas: ia dar uma espreitadela ao planeta. Seria também uma oportunidade para alijar algum fardo. Há uma semana, recolhera um enorme satélite, porém, os sucateiros não estavam interessados naquela de carga, difícil de reciclar devido aos diferentes tipos de metal de que era composta. Preferiam restos de mísseis ou minas, mais fáceis de fundir. Kir via-se a braços com o mono, sem saber que destino dar-lhe. Descarregar lixo no espaço interplanetário era interdito: quem o fizesse, perderia a sua licença de limpador. Mas se largasse o satélite bem longe de Marte, quem notaria?

Não fazia parte do seu temperamento infringir normas, mas estava irritado pela discussão com a esposa. No íntimo, sabia que Maia tinha razão. “Que consegui eu em toda a vida? Muitos se aventuraram a colonizar outros planetas, ou se dedicaram à prospeção de metais, trazendo para casa joias do urânio mais puro. Porém, que te trouxe eu, Maia? Sucata. Lixo espacial, lixo erodido por órbitas infindas, lixo que empilhámos no quintal até os vizinhos fazerem troça de nós”.

O computador interrompeu-lhe os pensamentos:

— Abrande para uma velocidade sónica. Aproxima-se do terceiro planeta do sistema.

Kir reduziu a marcha e admirou o espeto do globo:

“Aqui o temos: uma bolinha azul, esfarrapada de nuvens. Têm mais mar do que terra. Será que os habitantes são parecidos com peixes?”.

Por um momento, apeteceu-lhe aterrar na superfície, mas não seria prudente. Ouvira histórias de colegas seus que aterraram em planetas desconhecidos e foram capturados pelos nativos. Limitou-se a entrar em órbita — uma órbita limpa de destroços, à exceção de alguns fragmentos de cometas.

“Esperem só até inaugurarem a era espacial” — pensou, com amargura.

O calor solar incomodava-o. Limpou a testa e entrou no hemisfério noturno, gozando a frescura. Seguiu um pouco abaixo da linha imaginária que dividiria o norte do sul, naquele planeta. Deparou-se-lhe um pequeno mar interior.

“Lembro-me de Maia e eu passarmos a lua-de-mel num planeta semelhante. Ah, as areias brancas, o sol agradavelmente afastado, como em Marte... Eu era um jovem com um futuro promissor: a *Ida-e-Volta* nunca regressava ao cais sem estar a abarrotar de carga”.

A nave sobrevoava agora o marzito interior. Kir espreitou pelo telescópio infravermelho.

Um barco cursava para oeste.

“Tal como eu calculei, são bastante diferentes de nós: mais pequenos e apenas com dois braços e duas pernas. Para estas criaturas, andar deve exigir um grande equilíbrio!”.

Desceu para ver melhor. No meio do deserto, aqui e acolá, vislumbravam-se cidades, aglomerados de madeira e pedra, de onde sobressaíam apenas alguns edifícios.

“Povos primitivos... E porém, algumas destas criaturas devem ser felizes e têm mulheres que os admiram”.

Entristeceu-se. Gostaria de ter sido “alguém na vida”, de ter influenciado o destino de Marte, de ter contribuído para a arte ou ciência. Afastou aqueles pensamentos. Era o momento de se livrar da sucata. Kir abriu as portas do convés e com um movimento de alavanca soltou a carga. O velho satélite desprendeceu-se, afastou-se da *Ida-e-Volta* e, ao mergulhar na atmosfera, tornou-se incandescente.

Nesse momento, na superfície do planeta, três sábios nómadas preparavam-se para dormir. Baltazar, um homem de pele negra, foi o primeiro a notar o satélite:

— Olhem — disse para os outros. — Uma estrela cadente!

Melchior observou-a:

— Enganas-te, Baltazar. Repara que não tem a cauda dos cometas...

— E aquela cor de fogo é estranha... — notou Gaspar.

— Vai na direção de Judá. Sigamo-lo!

Os sábios fizeram os camelos trotar através do deserto, atrás da estrela. No céu límpido, a luz era fácil de seguir, e distinguia-se bem das restantes. Cada vez mais incandescente, o satélite rumava a uma pequena aldeia conhecida por Belém.

Enquanto isso, na calma do espaço, alheio à agitação dos terrestres, só uma preocupação mordida ainda Kir:

“Ah, se eu conseguisse algo de que me pudesse orgulhar na vida...”.

Distraidamente, através da escotilha, o astronauta observou o ponto luminoso do satélite explodir num imenso jato de cores. Depois, acelerou para uma velocidade luminosa, gozando o aroma do charuto — e desapareceu na noite mais longa da Terra.